
“SÓ MORRO CLORO”: LITERATURA, LOUCURA E SUBJETIVIDADE EM RODRIGO DE SOUZA LEÃO

“SÓ MORRO CLORO”: LITERATURE, INSANITY AND SUBJECTIVITY IN RODRIGO DE SOUZA LEÃO

ThamaraParteka
Mestranda em História-Unioeste
t.parteka@hotmail.com

RESUMO: Esta apresentação visa discutir alguns aspectos da pesquisa que se está sendo desenvolvida no momento, a qual trata de analisar a produção literária de Rodrigo de Souza Leão, autor considerado louco. Estão sendo privilegiadas, nesta análise, as obras literárias “Todos os Cachorros são Azuis” e “O Esquizoide: coração na boca”. O objetivo desta pesquisa, através da análise da produção literária de Rodrigo de Souza Leão, é perceber a experiência da loucura e o próprio processo de subjetivação na construção de sua obra, bem como analisar como esta obra foi aceita pelo público. Compreende-se que, para Foucault, a subjetivação é um processo, pelo qual, se obtém a constituição de um sujeito ou de uma subjetividade. Desta forma, a contribuição deste pesquisador é fundamental para a construção deste trabalho para analisar não somente o processo de constituição do próprio escritor, mas também servirá para analisar os discursos em torno de Rodrigo. Para desenvolver essa pesquisa será de grande importância o diálogo com outras vertentes do saber, para além da História, como a Literatura, Psicologia e a Psiquiatria, pois o texto do Rodrigo traz uma abrangência sobre diferentes temas e várias possibilidades de análise. Mesmo com o diálogo com outras ciências, os elementos do consciente, serão privilegiados nesta pesquisa, pois como afirmou Roy Porter, mais importante que estudar o inconsciente dos loucos é necessário estudar o consciente das pessoas que passaram pela a experiência da loucura. Desta forma, buscar-se-á analisar através das narrativas do Rodrigo como ele vivenciou a loucura e como este processo de subjetivação esteve presente na própria produção da arte.

PALAVRAS-CHAVE: História da Loucura e da Psiquiatria. Rodrigo de Souza Leão. Literatura e Subjetividade.

ABSTRACT: This presentation aims to discuss some aspects of the research that it is being developed at the moment, which analyzes Rodrigo de Souza Leão's literary production, author considered insane. In this analysis, the literary works privileged are “Todos os Cachorros são Azuis” (“All the dogs are blue”) and “O Esquizoide: coração na boca” (“The Schizoid: heart in the mouth”). The objective of this research, through the analysis of Rodrigo de Souza Leão's literary production, is to perceive the experience of insanity and the self process of subjectivity in the building of his work, as well as to analyze how this work was received by the public. It has been understood, to Foucault, that the subjectivity is a process through which the constitution of a subject or a subjectivity is obtained. Thus, the contribution of this researcher is fundamental for the building of this work, to analyze not only the process of the writer's self constitution, but also it will help to analyze the speeches about Rodrigo. To develop this research, it is of great importance the dialogue with other strands of knowledge beyond History, as Literature, Psychology and Psychiatry, for Rodrigo's text brings a scope about different themes and several possibilities of analysis. Even with the dialogue with other sciences, the elements of consciousness will be privileged in this research because, according to Roy Porter, more important than studying the insane people's unconsciousness is necessary to study the consciousness of people who lived the experience of insanity. Thus,

this work seeks to analyze, through Rodrigo's narrations, how he experienced the insanity and how this process of subjectivity has been present in his own art production.

KEYWORDS: History of Insanity and Psychiatry. Rodrigo de Souza Leão. Literature and Subjectivity.

Antologia da existência¹

Rodrigo Antônio de Souza Leão nasceu no Rio de Janeiro/RJ, em 04 de novembro de 1965. Foi poeta, músico artista plástico, jornalista e diagnosticado com esquizofrenia, tem uma imensa produção artística e uma paixão especial pela leitura. As informações que encontramos sobre ele datam 1989 (aos 23) quando foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide e o transtorno obsessivo-compulsivo.

Rodrigo trabalhava na Sasse, seguradora da Caixa Econômica Federal, era um emprego estável que havia conseguido por nomeação, mas o que estava deixando um pouco insatisfeito, pois tinha planos de fazer um jornal da empresa e tantos outros projetos culturais que lhe foram negados por conta da estrutura da máquina pública. Ali teve sua primeira crise e no mesmo ano tentou suicídio.

Até então o contato com a literatura se deu de forma tímida: escrevia uma ou outra letra de música e se colocava ler muito mais filosofia do que literatura propriamente dita. Depois de sua primeira internação em 1989, a qual ele descreve em *Todos os Cachorros são Azuis*:

O que todas aquelas pessoas de branco tinham a ver com o fato de eu estar vomitando sangue? Levaram-me para Miguel Couto.

Passei pela porta do hospício. Quis me levantar e fugir. O pior: fugir para onde? Quem ia acreditar na ideia de quem eu estava com um chip implantado dentro de mim? Botaram tubos em mim e começaram a fazer sucção. Fui abduzido por extraterrestres [...] Eu fui subindo as escadas ancorados por dois médicos fortes e gordos como eu. Havia toda aquela gente pobre, superpobre: aquilo era o Brasil. Uma zona total. Gente caída no chão. Gente chegando morta. Gente morrendo. Uma fileira de corpos deitados com etiquetas nos pés. Todos munidos de seus prontuários. E

¹Antologia da existência é para Foucault (2003): Um apanhado de algumas informações da vida de uma pessoa, perceptível em poucas linhas ou páginas. Diz respeito a condensação de poucos fatos de vidas singulares ou o relato de trechos de vidas descobertas ao acaso em documentos e livros e não a totalidade de uma vida. Neste sentido, para a construção desta breve Antologia da Existência de Rodrigo de Souza Leão foi usado como referência, seus livros (*Todos os Cachorros são Azuis*, *O Esquizoide*, *Carbono pautado*), o site oficial do (<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>), além de jornais como Folha, Uol, e O globo.

aqueles médicos tão jovens, que não sabem muito mais do que eu sei de biologia fazendo gozação de sua cara (LEÃO, 2010, p.16 e 17).

Rodrigo não só se coloca como personagem para narrar seu processo de internação, mas conta como o próprio processo de internação acontece para além dele, ou seja, em todo o Rio de Janeiro. Se ele homem, branco, de classe média foi sendo jogado de um hospital para outro- o hospital Miguel Couto não é um hospital específico para pessoas com sofrimentos mentais e nem possui instrumentos para que possam atendê-lo, por ser um hospital público qualquer um é levado a qualquer hora pela ambulância e depois de lá é que são encaminhados aos hospitais particulares - que acontecerá aos que não possuem este status? A experiência da primeira internação foi algo bastante traumático para o Rodrigo e quando ele volta para sua moradia, praticamente não sai de casa, pelo próprio sentimento que a doença lhe causava, entre outros, da perseguição. Para diminuir o tédio de ficar em casa sem nada para fazer, Rodrigo mergulha na literatura: lê Proust, Balzac, Baudelaire, Rimabaud, e muitos outros escritores e a partir deste contato mais íntimo começou a escrever suas próprias poesias e prosas.

A partir 1995 em contato com a internet, cria diversos sítios cibernéticos, alguns em parceria com outros escritores e outros para as suas poesias. A maioria dos sítios serviam para divulgar poetas brasileiros, assim as poesias circulavam pela internet e os escritores cada dia mais iam se conhecendo. Criou revistas literárias com esse mesmo objetivo, não só divulgar a obra dos escritores, mas os próprios escritores. Rodrigo ligava para os escritores e fazia a entrevista (por telefone mesmo por que Rodrigo não saía de casa), posteriormente publicava na internet e isso foi fortalecendo um determinado grupo de escritores.

Neste mesmo período escreve o livro *Carbono Pautado*, o qual narra memórias de um auxiliar de escritório, publica doze e-books, pela virtual books: *XXV Tábuas*, *No Litoral do Tempo*, *Síndrome*, *Impressões sob Pressão Alta*, *Na vesícula do Rock*, *Miragens Póstumas*, *Meu primeiro Livro que é o Segundo*, *Uma temporada nas temporadas*, *O bem e o mal*, *Divinos*, *SuorpiciosMind*, *O mar*.

Em 2001 se deu a segunda internação e esse tempo que ficou internado fez com que ele tivesse uma nova percepção de si e da doença. Pois até então ocultava o diagnóstico, tanto que ao lermos livros anteriores esta data, como o *Janelas Abertas*, perceberemos que em sua biografia consta que sofreu um acidente de carro, não mencionando nada sobre a doença.

Assim ao sair do hospital, na segunda internação, resolve contar para todas as pessoas que o conhecia de que era esquizofrênico, com a finalidade de saber quem realmente o considerava amigo, e assim o fez, muitas pessoas que tinham inclusive projetos literários junto a Rodrigo acabaram se afastando quando souberam do diagnóstico, mas outros continuaram sendo amigos. Essa vontade súbita surgiu quando Rodrigo teve contato com um músico na clínica, quando estavam internados, e o fez ter uma nova percepção da vida, pois passaram muito tempo falando sobre arte, por isso resolveu contar as pessoas o diagnóstico.

Em 2001, Rodrigo começou a escrever *Todos os cachorros são azuis*, mandou para várias editoras inclusive para a Casa do Psicólogo, no entanto não conseguiu nenhum incentivo ou publicação. Em 2006 se inscreve no Programa Petrobrás Cultural, no qual sai vencedor na edição 2006/2007. Ganha uma bolsa e o valor para a publicação do livro. Este livro foi um dos 50 finalistas do Prêmio Portugal Telecom, edição 2009 e, ainda, tem tido repercussão sendo traduzido para o Inglês, Espanhol, para o cinema, teatro, dança etc.

Foi internado pela terceira vez, mas desta vez por espontânea vontade. Vários elementos o perturbavam: a alucinação olfativa, a novela na Glória Peres², etc. Deixou uma carta de despedida, a qual pediu que a irmã lesse apenas dias depois que ele estivesse internado. A carta dizia:

Papai, Mamãe, Bruno e Dulce.

Vcs sabem muito bem que a minha vida não foi fácil. Sofreram muito. Sofremos junto. Sofremos nós. Eu gostei da vida e valeu à pena. Muito obrigado por terem me ensinado tudo. Amo muito vcs todos. Tomara que exista eternidade. Nos meus livros. Na minha música. Nas minhas telas. Tomara que exista outra vida. Esta foi pequena pra mim.

Está chegando à hora do programa terminar. Mickey Mouse vai partir. Logo nos veremos de novo. Nunca tenham pena de mim. Nunca deixem que tenham pena de mim. Lutei. Luto sempre. Desculpem-me o mau humor. É que tudo cansa kkkkk. Beijo do filho, do irmão e principalmente do tio que ama a todos.

Beijo em todos e cuidem-se bem

Rodrigo

² Rodrigo enviou a Glória Perez um exemplar do seu livro *Todos os Cachorros são Azuis*, segundo Rodrigo, Glória Perez deu características do personagem do livro ao personagem da novela, o que fez com que Rodrigo acusasse-a de plágio, no entanto ela negou, afirmando que questões como “ter a sensação que colocaram um chip” era algo comum para os esquizofrênicos. Além desse conflito o Rodrigo de certa forma se via representado pelo personagem e espera algo mais dele do que estereótipos, então quando o personagem na novela matou o médico, Rodrigo ficou com medo de matar alguém e pediu para ser internado. Mais informações sobre essa questão podem ser vistas: LEÃO, R. S. Mais afeto com os loucos. *Jornal Brasil*. 2009. Disponível em: <http://www.jb.com.br/capa/noticias/2009/06/27/mais-afeto-com-os-loucos/> acesso 23/05/14 às 14h00.

Rio, 7 de maio de 2009³.

Rodrigo foi levado pela irmã Maria Dulce para a Clínica, nos poucos dias que ficou na clínica, esteve bastante agitado: atacou uma mulher (nunca antes tinha mostrado sinais de violência), no último dia, os remédios pareciam não fazer efeito, pois gritava muito o tempo inteiro, a tal ponto que os próprios internos fizeram um abaixo assinado. No mesmo dia dormiu e não mais acordou, faleceu no Rio de Janeiro, no dia 02 de julho de 2009, aos 43 anos de idade, no que consta o relatório médico de ataque cardíaco, mas a causa não se sabe. Seus pais optaram por não fazer a autópsia. Então fica a dúvida se a morte do Rodrigo seria uma consequência da negligência da clínica ou se Rodrigo teria se suicidado. No próprio site oficial do Rodrigo⁴, Ronaldo Bressane cita Anônio de Souza Leão (pai de Rodrigo) para falar sobre a morte do Rodrigo:

Ele fumava três maços de cigarro por dia, era hipertenso, fatores que podem ter contribuído para o infarto do miocárdio... bem como, talvez, uma dosagem maior dos medicamentos psiquiátricos. Pela carta, é explícito que seu sofrimento psíquico era grande. Mas o que realmente aconteceu jamais saberemos. Teria inconscientemente procurado o suicídio? Não sei te responder (BRESSANTE, s/d).

Após a morte, Rodrigo passou a ter uma maior popularidade, suas obras começaram a ter uma maior circulação, inclusive traduzidas em outros países. No Brasil a editora Recorde publicou os livros, *Me roubaram uns dias contados* (2010), *O Esquizoide – coração na boca* (2011) e *Carbono Pautado* (2012), livro que está entre os 10 finalistas do prêmio Jabuti2013.

Em 2011 o livro *Todos os cachorros são azuis* foi adaptado para o teatro por Flávio Pardal, Michel Bercovitch e Ramon Mello⁵, com a direção de Michel Bercovitch. O espetáculo esteve em cartaz até 4 de setembro de 2011 no Teatro Maria Clara Machado, no Rio de Janeiro. Em 2012 este mesmo livro serviu de base para o espetáculo de dança *Mozaicos*. Essas releituras tem feito com que Rodrigo se torne ainda mais conhecido, pois foi

³ Arquivo digital do autor Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB), 2014.

⁴ <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>

⁵ Ramon Mello é o curador da obra de Rodrigo de Souza Leão.

assistindo a peça teatral que Cauã Reymond⁶ teve acesso a obra de Rodrigo, comprando os direitos de dois de seus livros para o cinema.

Em 2013 começou ser elaborado um documentário *Tudo vai ficar da cor que você quiser* por Letícia Simões, a qual conta a história do Rodrigo, mas também sobre o projeto coordenado por Ramon Melo, o qual busca verba para exposições de seus quadros.

Está previsto para 2014/2015o lançamento do filme *Azuis*, o qual conta a história do livro *Todos os Cachorros são Azuis*, que será protagonizado pelo ator Cauã Reymond.

A esquizofrenia foi muito difícil para Rodrigo e principalmente para seus familiares, uma vez que Bruno (irmão de Rodrigo) era bipolar. Desta forma, a literatura foi uma possibilidade de reconstrução de si próprio. Por meio da experiência da loucura, Rodrigo escreve um texto forte, irônico, com muito humor e ambiguidade. Esses elementos estão presentes não apenas nas obras *Todos os cachorros são azuis* e *O esquizoide*, mas também em algumas poesias, telas, etc.

Grande parte de sua produção encontra-se disponível na internet. Mas, para além da internet, Rodrigo tem livros impressos publicados pelas editoras 7 letras e Record, tem dezenas de telas que foram doadas ao Museu do Inconsciente, no Rio de Janeiro, e sua produção mais íntima (textos e fragmentos que ainda se encontrava no HD do escritor) está sendo arquivado na Fundação Casa Rui Barbosa.

Narrativas da loucura

Rafael Huertas aponta a importância das narrativas daqueles considerados loucos:

Los testimonios de los locos aportan, a la historia de lapsiquiatría, preciosos elementos a la hora de valorar y analizar, junto con otro tipo de información médica y social, las características de un determinado «caso clínico» (el «caso Schreber» o el «caso Wagner», por poner dos ejemplos que, últimamente, han dado mucho juego a los psicoanalistas), pero también pueden reflejar, aunque sea con un lenguaje «diferente» —poco convencional o incluso deformado—, las ideas, valores, esperanzas o temores de sus contemporáneos (HUERTAS, 2001, p.30).⁷

⁶ Ator contratado pela rede globo, o qual tem um alcance muito popular.

⁷ Os testemunhos dos loucos contribuem, para história da psiquiatria, preciosos elementos na hora de valorizar e analisar, junto com outro tipo de informação médica e social, as características de um determinado “caso clínico” (o “caso Schreber” e o “caso Wagner”, pois colocam dois exemplos que, ultimamente, os psicanalistas tem se interessado bastante), mas também podem refletir, embora seja com uma linguagem “diferente” – pouco convencional ou deformada –, as ideias, valores, esperanças ou temores de seus contemporâneos (tradução nossa).

Desta forma, mostra a narrativa de loucos uma fonte de grande importância para se compreender suas ideias, seus valores e esperanças, bem como a suas concepções acerca do saber médico e do diagnóstico recebido no lugar e no período que eles estavam internados.

Já a partir da perspectiva de Artière (1998), essas narrativas podem ser vistas como arquivos da vida, que nos casos dos internos, pode responder a uma injunção social (com o incentivo médico de que escrevam e desenhem) ou uma intenção autobiográfica.

Através dessas narrativas, se visualiza questões variadas como as apontadas por Wadi:

alguns delineiam o processo de sua enfermidade, os tratamentos buscados (antes e depois da internação), seu encontro com os hospícios e as práticas dos diversos sujeitos que lá atuam (médicos, enfermeiros, irmãs de caridade, administradores, guardas...); alguns se limitam a reivindicar sua condição de ‘não-loucos’, condição esta atestada por médicos psiquiatras (ou não) quando da internação e ao longo de sua estada nas instituições; alguns rememoram suas vidas até o momento da internação, ora no sentido de defenderem-se da ‘acusação’ de serem loucos, ora ‘acusando’ outras pessoas (especialmente familiares, amantes, inimigos...) pela imputação da sua loucura ou pela realização de complôs para despojar-lhes de seus bens; outros dizem ser vítimas de bruxarias; outros ainda questionam com ênfase o saber e o poder médico e suas possibilidades de tratamento e cura de doenças ou de uma doença em especial, a loucura, que nem todos creem ser deles, mas mais daqueles que lhes outorgaram um ‘rótulo’ (WADI, 2012, p. 13)

André Molina em seu texto *Um Mesías, ladrón y Paranoico em el manicômio La Castañeda. A propósito de la importancia historiográfica de los locos*(2009), mostra a importância historiográfica das narrativas de loucos como fonte histórica. Neste texto, o autor discute a história de um sujeito, que em determinado momento foi considerado louco, e que utiliza justamente do rótulo de “louco” para não ser criminalizado por crimes que cometeu: “se desequilibro probablemente mi cerebro; llegaba a mi casa mustio, triste, cabizbajo, como si tuviera un enorme peso en el cráneo”(MOLINA, 2009, p.82).

Cristina Sacristán apresenta, através destas narrativas, um novo olhar sobre o manicômio, pois, muitas vezes, o próprio paciente procurava o manicômio:

por voluntad propia y encontraron la cura a sus males, otros relatan haberse adaptado aunque al principio les pareció un “infierno”, y algunos más rogaron no ser dados de alta por considerar que estarían peor en su casa. Para

quienes carecían de familia el manicomio se convirtió en una opción laboral, pues pidieron ser contratados o poner su propio negocio a fin de no verse expuestos a la vida en las calles. Así fue como llegaron a trabajar, incluso de asistentes de los médicos aplicando electroshocks o haciendo disecciones de cerebros. Para todos ellos, no cabe duda de que el manicomio fue un lugar para vivir y no un espacio de terror (SACRISTÁN, 2009, p.181)⁸.

Através destas narrativas é possível ver a particularidade de cada experiência e compreender que mesmo a experiência da loucura é histórica e não absoluta ou natural.

Discurso, subjetividade e autobiografia

Considerando fato que esta pesquisa busca analisar o hospício e suas relações a partir das vivências de pessoas consideradas loucas, se faz necessário refletir a partir das contribuições de Roy Porter, que a partir do livro *História Social da Loucura* (1991) contribuiu como uma nova discussão, a qual não procura investigar o inconsciente dos loucos ou as entrelinhas de sua escrita, mas, ao contrário, busca evidenciar o que os loucos dizem e querem dizer. Pois, para Porter, os testemunhos dos loucos são coerentes e esclarecedoras, pois refletem “a lógica da sociedade sã” (PORTER, 1991, p.9).

Neste sentido contribui Foucault, que a história da irracionalidade faz parte da história da razão. Os loucos e os médicos dizem coisas comparáveis como direitos e responsabilidades, razão e falta de sentidos, embora se aplique de formas contrárias (PORTER, 1991, p.11), isto por que ambos fazem parte dos jogos de verdade. Assim:

Os discursos da doença mental, da delinquência ou da sexualidade só dizem o que é o sujeito dentro de um certo jogo muito particular da verdade, mas esses jogos não são impostos de fora do sujeito, de acordo com uma causalidade necessária ou determinações estruturais; eles se abrem no campo da experiência em que sujeito e objeto são ambos constituídos apenas em certas condições simultâneas (FLORENCE apud WADI 201, p.255)

⁸ Por vontade própria[entraram no manicômio] e encontraram a cura para aquilo que lhes faziam mal; outros relatam que se adaptaram, embora no começo pareceu-lhes um “inferno”; e alguns pediram para que não fosse dado alta, por considerar que estariam em uma condição pior em sua casa. Para quem não tinha família, o manicômio se tornou um lugar de trabalho, pois poderiam ser contratos ou iniciar seu próprio negócio a fim de não serem expostos às ruas. Desta forma, passaram a trabalhar, inclusive como assistentes dos médicos, aplicando eletrochoques ou fazendo dissecação de cérebros. Para todos eles, não cabe dúvida que o manicômio foi um espaço para se viver e não um espaço de terror (tradução nossa).

Assim “discurso não é apenas o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder o qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 1971, p.10). Desta forma, o discurso não está em um nível separado da prática, mas a constitui e é constituído por ela.

Entendemos o discurso do Rodrigo como um modo de subjetivação, o que para Deleuze (2006, p.142) é um modo de existência ou um estilo de vida. Os modos de subjetivação podem ser compreendidos como práticas que constituem o sujeito. A partir de práticas e saberes que o objetivam exercer poder sobre Rodrigo, ele se reinventa, - ocultando o diagnóstico para a maioria dos conhecidos depois da primeira internação e depois, da segunda internação, ao ter contato com um músico, passa a contar para todo mundo. Essas duas atitudes em diferentes momentos, mostra como o sujeito se constituiu ao longo do tempo e a partir das relações sociais, e que não é de forma alguma um ser ontológico- exercendo poder também sobre o diagnóstico da doença e sobre a instituição.

No trecho abaixo, podemos analisar a relação que o personagem tinha com os remédios e o tratamento: “Mas o Haldol me segura. Segura meus gritos, sussurros. Eu, que já escondi muito remédio debaixo da língua, hoje tomo todos sem problemas. Sei lá se adianta. Sei apenas que sinto falta dos meus dois amigos” (LEÃO, 2010, p.55). O narrador/personagem ao contar sua história mostra como o remédio exerce um poder sobre ele: o de calar, acalmar e conformar. No passado, respondeu a esse poder com outro poder: o de não tomar os remédios, de não engolir, de não se submeter ao silenciamento, mas no presente toma sem problema algum. Entendemos que o personagem resistia ao remédio por talvez não aceitar o diagnóstico ou acreditar que a medicação faz mal a ele, mas acontece uma ou várias coisas que o faz mudar a si mesmo, a tomar o remédio. E no final quando fala que sente saudade dos dois amigos está se referindo especificamente a suas duas alucinações Baudalaire e Rimabaud, ou seja, mesmo tomando a medicação, o que o tornaria uma pessoa “normal”, segundo o discurso médico, faz com que ele sinta falta da doença, ou dos dois “amigos” pelos quais ele sentia afeto, o que possibilita refletirmos sobre a questão do tratamento, pois ele não o cura e nem mata a sua experiência da loucura, os amigos assim como outros elementos ficam guardadinhos nas lembranças.

Rodrigo, o autor ao escrever esse trecho, utiliza sua experiência da loucura: o

conhecimento sobre os efeitos do haldol⁹, a própria resistência a medicalização e mais do que isso utiliza experiência de outras pessoas que passaram pela experiência da esquizofrenia: as alucinações, pois Rodrigo não as teve, mas teve contato com pessoas que tiveram alucinações. Além disso, o autor se coloca em meio a grandes nomes da literatura “maldita” Rimbaud e Baudelaire. Desta forma, o autor utiliza da experiência da loucura para inventar uma loucura para o personagem e para se colocar entre os grandes escritores da literatura francesa. Assim nos deparamos com uma narrativa e sujeito múltiplos, constituídos a partir de práticas discursivas e não discursivas.

Junto com estas questões somaremos algumas noções para enriquecer a análise, como a autobiografia. Para Lejeune a autobiografia só pode existir se houver o pacto autobiográfico. O pacto consiste em uma identificação entre autor, narrador e personagem e essa identificação se dá a partir do uso do nome próprio (o do autor) e pode ser estabelecidas de diferentes formas. A primeira possibilidade de identificação é quando narrador e personagem tem o mesmo nome, sendo o nome de uma pessoa existente (o autor da obra); a segunda é quando o personagem não tem nome na narrativa, mas o autor dá indícios de identificação com narrador-personagem; e a terceira é quando o autor deixa pistas como títulos de suas obras anteriores, menção a profissão, nome de familiares.

Podemos perceber essas relações na obra do Rodrigo por que o nome do personagem e do autor são Rodrigo em *Todos os Cachorros são Azuis*, e também por que Rodrigo faz uso desse jogo de referência de seus familiares e dá pistas de elementos reais na narrativa:

Papai veio sozinho hoje. Disse que meu irmão quer vir me ver. Meu irmão é mais doente do que eu. Tenho pena de meu pai. Carregar esses dois fardos. Meu irmão é bipolar de humor. Sofre por ser triste. Sofre muito. Meu pai estudou psiquiatria por causa dele, depois, por causa de mim. Meu pai era pediatra. Agora é psiquiatra.

Ainda bem que o mar é verde: a cor dos olhos do meu irmão Bruno. São olhos limpos de sofrimento. Quem não sofre, não vive (LEÃO, 2010, p. . 49 e 59).

O personagem relaciona sua vida com dados biográficos do autor, como o fato de o irmão do autor se chamar Bruno, ser bipolar de humor, e pelo fato de o pai ser psiquiatra. Mas

⁹Haldol é um dos remédios mais populares para o tratamento de doenças psicóticas. É utilizado para controlar a agitação, agressividade e distúrbio de Gilles La Tourette.

não é pelo fato de ter elementos biográficos que o texto do Rodrigo seja ausente de ficção ou de poesia. O autor traz esses elementos, mas misturados com dados biográficos o que torna o texto ambíguo, e “a ambiguidade (entre o que é e o que poderia ser) chega a ser tão profunda a ponto de a ‘alteridade’ criada ganhar estatuto de ‘realidade’” (ALBERTI, 1991, p.66). “Não é que a autobiografia não se contamine com o trabalho das imagens, ‘apenas não pode se entregar, em sua inteireza, à sua proliferação’. Apenas no espaço limitado da *semelhança* entre aquilo que “é” e aquilo que cria, que o escritor de autobiografia pode “imaginar-se” outro de si mesmo”(ALBERTI, 1991, p.77). Podemos ver não apenas que o autor busca dar uma veracidade ao texto, mas percebemos seus próprios sentimentos em relação a família e as doenças.

Além do conceito de autobiografia, o conceito de autoficção será importante para as discussões, embora seja um conceito novo, em processo de definição, Talles Silva definiu-o como:

Uma nova forma de escrita autobiográfica, própria, talvez, da era pós-moderna, em que a narrativa dos fatos da vida do autor é feita através de uma linguagem própria do gênero romanesco, ou seja, de uma escrita que se pretende artística. Além disso, para muitos, a autoficção também porta fabulações, invenções e distorções em relação à verdade dos fatos, uma vez que permite a introdução, no texto autobiográfico, de sentimentos, desejos, sonhos, frustrações e devaneios do escritor, numa reconstrução inventada e romanceada daquilo que ele viveu (SILVA, 2012 p.2).

Desta forma, a narrativa se sustenta com dados autobiográficos, mas o texto é caracterizado por estratégias narrativas ficcionais. Doubrovsky apud Silva (2012, p.3) defende a impossibilidade de escrever (no cenário pós-moderno) “uma narrativa de memórias que preze pela exatidão em relação ao vivido. Ao contrário, sua concepção de autoficção, como versão pós-moderna da autobiografia, está pautada no reinventar e no recriar as experiências individuais do autor.” Desta forma, a autoficção se baseia na reconstrução da realidade segundo o escritor concebeu, percebeu e sentiu.

Vincent Colona apud Telles Silva aponta para quatro modalidades da autoficção: autoficção fantástica, a qual “o autor se coloca como o herói de sua narrativa, mas transfigura o contexto em que sua história teria se passado, fantasiando a trama, o tempo ou o espaço” (SILVA, 2012, p.6). Autoficção biográfica, através da qual o autor busca a verossimilhança,

possibilitando a verificabilidade dos fatos. A autoficção espetacular, a qual o autor não se preocupa em escrever uma narrativa cujo o eixo central seja o herói. O autor se coloca em um canto a observar o que se passa, sente e interpreta sua vida como alguém que está de fora, ainda que este alguém seja sua própria imagem, a se olhar e a se questionar, seus sentimentos e ações são descritos como um reflexo do que aconteceu. A última seria a autoficção intrusiva ou autoral, na qual “o autor se vale de seu narrador-personagem como um comentador dos acontecimentos que se passam na história. A presença do autor é como uma voz paralela à matéria descrita, que conduz o fio da narrativa através de um intenso jogo de linguagem” (SILVA, 2012, p.6).

O nome do hospício era clínica Gavela. Um lugar muito arborizado, cheio de plantas e árvores. Começaram a me administrar um remédio azul de nome Haldol. A tentativa dos médicos era causar uma amnesia em mim (LEÃO, 2011, p.33).

Percebe-se aqui a verossimilhança em que o autor busca dar sentido na narrativa. O nome da clínica em que o autor foi internado é Clínica da Gávea, e o nome que ele dá na ficção é Gavela, pode ser que não colocou o nome próprio (Gávea) por questões jurídicas, mas ao falar dos familiares na narrativa, não faz jogo com as sílabas, usa o nome literal (como exemplificado antes no caso do irmão Bruno). Podemos analisar a própria descrição da clínica: como um lugar agradável, bonito, inclusive esta é uma percepção compartilhada por pessoas que passaram pela a experiência da internação, que muitas vezes metaforizam a instituição como cemitério¹⁰, um lugar bonito, mas simbolicamente onde viveriam pessoas consideradas mortas. E o próprio medo vem do medo de esquecer as memórias, o passado, a identidade, medo de não ter uma referência, pois isto lhe causaria uma fixação no presente: sem lembrar quem era e sem expectativas do que poderá vir (ao sair do hospital), fica preso no presente, e ficar preso no presente – neste momento- é permanecer louco, é permanecer internado.

Não se trata de estabelecer o que é falso e o que é verdadeiro, mas de compreender as intencionalidades e as continuidades constituintes na narrativa; para Talles Silva “Ao

¹⁰ Podemos ver esse posicionamento no livro Reino dos bichos é o meu nome de Stela do Patrocínio, no livro Cemitério dos Vivos de Lima Barreto, entre outros.

contrário, este novo texto, o autoficcional, porta características próprias, a um só tempo híbridas e exclusivas, em que a questão da representação do sujeito vai mais além das noções de verdadeiro ou de falso, mas traz consigo uma outra saída, representativa dos novos tempos” (SILVA, 2012, p. 9).

Cheguei ao hospício e tudo estava como antes. Havia exposto numa das melhores galerias do Rio de Janeiro. Conheci por alguns dias o que é uma certa notoriedade. Fui capa do segundo caderno de um grande jornal. Vendi alguns quadros e deixei acertado com a minha irmã que ela pegaria mensalmente, no banco, a minha aposentadoria e pagaria a clínica (LEÃO, 2011p.76).

Não se trata de saber se de fato o autor expôs em umas das maiores galerias do Rio de Janeiro, mas de perceber como o autor já buscava um reconhecimento de sua produção artística/literária.

Compreendendo que Rodrigo de Souza Leão traz elementos de sua vivência na narrativa, de tal forma que cita nomes de lugares que morou e frequentou, de pessoas que conheceu numa forma de arquivar e de memorar sua experiência, faz-se necessário discutir o arquivamento de si, pois “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência¹¹(ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Em um de seus livros Rodrigo afirma:

Um dos meus objetivos com este livro é que os médicos, sabendo de como viver com a bomba é ruim, encontrem uma maneira de minorar o sofrimento de pessoas que assim vivem. Não são feitos tantos estudos sobre doenças mentais. Os remédios ainda eram antiquados até um tempo atrás. Havia práticas comuns, como a superdose e até o eletrochoque sem anestesia. Sei que em um determinado momento houve uma vontade das coisas mudarem...Tudo é um processo, e neste Brasil lento ainda se prende muita gente, mas, também, onde botar gente como o Julinho, que bate em todo mundo? Que Morde. Que pode matar com as mãos. Onde? É uma decisão muito difícil a de acabar com os manicômios. Se não existisse manicômio eu estaria morto, já que o meu caso não é propriamente de loucura (LEÃO, 2011, p. 72).

¹¹ Resistência no sentido de contrapor o que as instituições ou as próprias pessoas dizem o que ele é. Quando faz seus arquivos, constrói sua narrativa está estabelecendo os recortes que ele mesmo estabeleceu, ou seja, está podendo ser visto da maneira que ele construiu a si próprio.

Neste sentido, Rodrigo transforma sua experiência da loucura em livro, e no momento da escrita ele transforma a si próprio e pretendendo utilizar sua narrativa para deixar um legado, o de transformar a realidade do manicômio. Assim afirma Artières:

Mas essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano (ARTIÈRES, 1998, p. 14).

Desta forma, Rodrigo arquiva sua vida para lembrar da sua experiência no manicômio, mais que isso, ele utiliza do arquivo para fazer uma crítica a falta de dedicação dos médicos, da assistência psiquiátrica e do Brasil como todo. Ele utiliza seus arquivos e suas memórias pessoais afim de que aqueles que tratam os loucos, saibam como eles se sentem e transforme a realidade do manicômio, ou seja, há uma intencionalidade no discurso que o autor formula em suas obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991.

ARTIÈRE, Phillipe. **Arquivar a Própria Vida**, 1998. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf. Consultado 11/05/14 às 20h14.

BRESSANE, R. **A Lucidez Póstuma do Poeta**. Disponível: http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/sobre_ele/sobre_ele50.htm Consultado em: 04/02/12 às 16h02.

DELEUZE, Gilles. Um retrato de Foucault. In: **Conversações (1972 – 1990)**. São Paulo: Ed. 34, 1998a, p.127-147.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989a.

FOUCAULT, M. Introdução. In: **História da Sexualidade**, 2: O uso dos prazeres. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996

HUERTAS, Rafael. Historia de la psiquiatria, Por qué?, Para qué? Tradiciones historiográficas y nuevas tendencias. **Frenia**, Vol. I-1-2001.

HUERTAS, R. **Historia cultural de lapsiquiatria**. Repensar lalocura. Madrid: Catarata, 2012

LEÃO, R. de S. **Todos os Cachorros são Azuis**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

LEÃO, R. de S. **O Esquizoide**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEÃO, R. de S. Lowcura (**blogue**). Disponível em <http://lowcura.blogspot.com.br/>, acesso em 02/07/2012.

LEÃO, R. de S. Rodrigo de Souza Leão (**blogue**). Disponível em <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>, acesso em 02/07/2012.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

MOLINA, A. R. Un mesías, ladrón y paranoico en el Manicômio La Castaneda. A propósito de la importância historiográfica de los locos. **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, n. 37, enero-junio, 2009, p. 71-96.

MOLINA, A. R. Locos letrados frente a lapsiquiatria mexicana a inicios del siglo XX. **Frenia**. Revista de Historia de la Psiquiatria, Madrid, v. IV, n.2, 2004, p.17-35.

PORTER, R. **A História Social da Loucura**. Jorge Zahar, 1990.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Ed. Claraluz, 2005.

SACRISTÁN, Cristina. La locura se topa con el manicomio. Una historia por contar. **Cuicuilco**, Vol. 16, Núm. 45, enero-abril, 2009, p. 18163-189.

SILVA, Talles. O que dizem os escritores sobre a definição do que se tem chamado de autoficção. **Palimpsesto**. Nº 14 | Ano 11 | 2012 / *Dossiê* (4) p.6.

STAGNARO, J. C. Evolución y situación actual de la historiografía de lapsiquiatria en la Argentina. **Frenia**. Revista de Historia de la Psiquiatria, Madrid, v. VI, n. 1, p. 7-37, 2006.

VENANCIO, Ana T; Cassilia, Janis A. P. A doença mental como tema: uma análise dos

estudos no Brasil. **Espaço Plural**. Ano XI . Nº 22 . 1º Semestre

WADI, Yonissa. **Gênero, Instituições e Saber Psiquiátrico em Narrativas da Loucura**. Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA No. 32/2012, p.10.

WADI, Y. M. Experiências de vida, experiências de loucura: algumas histórias sobre mulheres internas no Hospício São Pedro (Porto Alegre/RS, 1884 - 1923). **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 65-79, 2006b.

WADI, Y. M. **A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura**. Uberlândia: EDUFU, 2009a. 464 p.